

2 EMPREGO E RENDA

A evolução do mercado de trabalho das principais regiões metropolitanas nos primeiros meses do ano, segundo a PME/IBGE, pode ser considerada positiva, levando-se em consideração a sazonalidade do período: depois de duas quedas consecutivas, em janeiro e fevereiro, a ocupação teve uma boa recuperação em março, tendo a taxa de desemprego se elevado de forma moderada ao longo do trimestre, com um aumento de apenas 1,2 p.p. sobre os 9,6% observados em dezembro passado. Por sua vez, o rendimento médio real habitualmente recebido cresceu em todos os três meses, criando a expectativa de que em 2005 essa variável iria consolidar a sua recuperação.

Contudo, os resultados de abril modificaram até certo ponto esse quadro, observando-se uma estabilidade na ocupação (em um mês em que a demanda por trabalho tende a se acelerar), o mesmo ocorrendo com a taxa de desemprego, que permaneceu no mesmo patamar alcançado em março — 10,8%. O rendimento médio real foi o único dos principais agregados a ter uma variação significativa, mas esta foi negativa: queda de 1,8% em relação a março.

A estabilidade do nível de ocupação em abril (aumento de apenas 0,11% sobre o mês anterior) interrompeu a retomada sazonal de março (ver Gráfico 2.1) e fez com que o saldo acumulado nos primeiros quatro meses do ano (–184 mil) ficasse abaixo do observado em igual período de 2004 (–167 mil trabalhadores).

Considerando-se as variações em 12 meses, desde junho de 2004 o crescimento da ocupação tem permanecido em torno de 3,8%, embora os dados de abril pareçam apontar para uma desaceleração desse ritmo, como mostra a linha tracejada nos Gráficos 2.2 e 2.3.

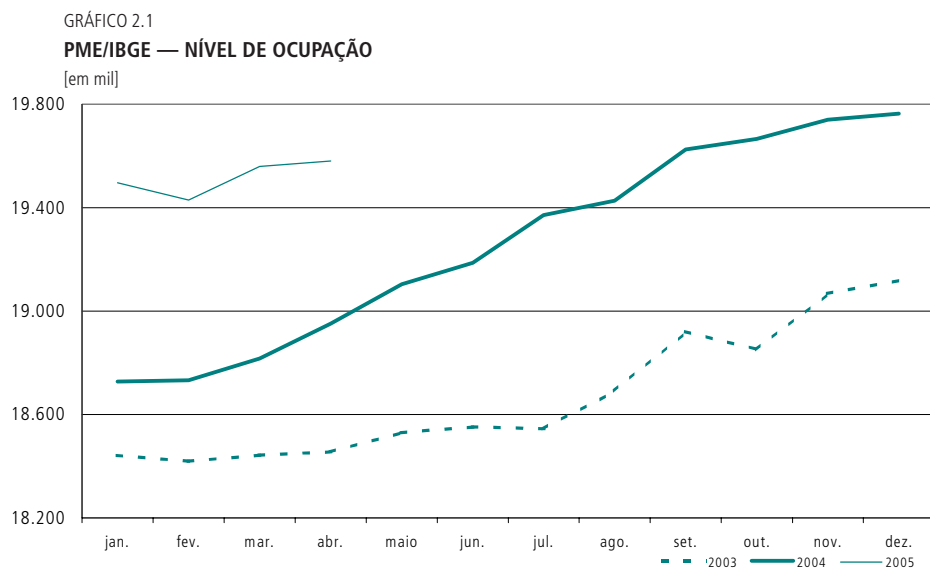
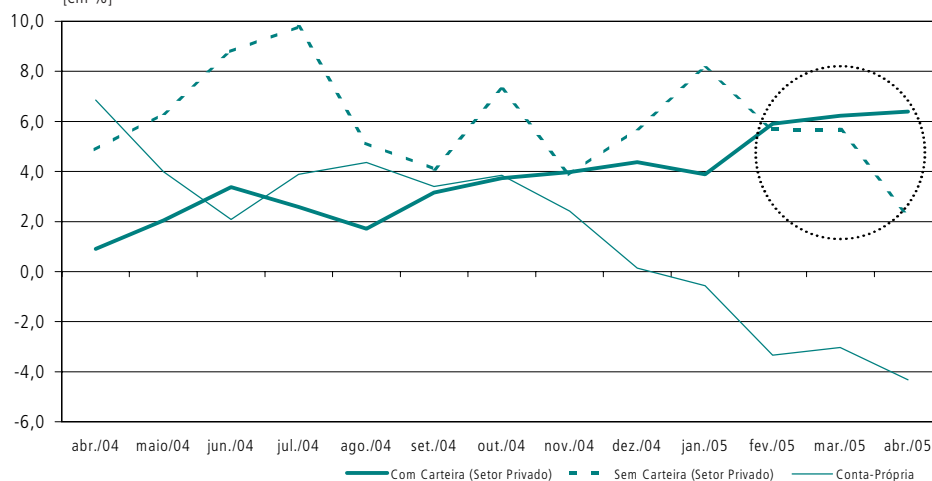


GRÁFICO 2.2
PME/IBGE: VARIAÇÃO DA OCUPAÇÃO
 [em %]



GRÁFICO 2.3
PME/IBGE: EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO SEGUNDO VÍNCULOS DO TRABALHO — VARIAÇÃO EM 12 MESES
 [em %]



Desagregando a ocupação por setor de atividade, o comércio, os serviços domésticos e a administração pública¹ foram os únicos a terem em abril uma variação positiva ante o mês anterior. Na indústria e nos serviços, as quedas em abril reduziram suas taxas de variação em 12 meses, que passaram de 5,5% e 7,7%, respectivamente, no primeiro trimestre, para 4,3% e 7,0% — considerando-se o período janeiro-abril — valores que permanecem, ainda assim, bastante elevados e consistentes com as informações setoriais.

Quanto à evolução dos vínculos de trabalho, o número de trabalhadores com carteira no setor privado ficou estável em abril (variação de -0,04%), embora o total de empregados com carteira assinada, englobando trabalhadores domésticos e os do setor público, tenha apresentado uma evolução positiva de 0,27%, fazendo com que a variação em 12 meses dessa variável alcançasse a impressionante cifra de 6,7%. Por outro lado, os empregos sem carteira tiveram, também na comparação de 12 meses, um crescimento de 1,7%, muito abaixo da evolução dos empregos formais.

1. Esse setor inclui educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

TABELA 2.1
PME/IBGE — VARIAÇÃO DA OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE
 [em %]

Período	Indústria		Construção Civil		Comércio		Serviços a Empresas		Administração Pública		Serviços Domésticos	
	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior
	Abril/2004	4,5	3,4	-3,5	-4,0	-1,2	3,5	1,5	3,7	0,1	2,0	0,7
2º Trim. 2004	3,0	2,5	-4,5	-3,1	0,3	3,3	4,2	4,8	3,6	4,2	3,7	3,8
3º Trim. 2004	2,9	5,6	-1,0	-2,9	0,1	2,8	2,6	5,4	1,9	4,6	3,8	8,0
4º Trim. 2004	1,0	5,5	7,6	5,1	1,0	0,4	2,1	6,8	-3,1	-0,6	2,6	11,1
1º Trim. 2005	-1,4	5,5	-2,3	-0,6	0,7	2,1	-1,2	7,7	0,4	2,7	-1,4	9,0
Abril/2005	-2,9	0,9	-0,4	3,1	1,5	2,4	-0,7	4,7	0,1	3,9	3,3	10,4

Embora não se deva comparar as duas informações, em razão das acentuadas diferenças metodológicas e de cobertura geográfica em seus levantamentos, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) também registrou em abril a maior criação de empregos formais (266 mil), para esse mês, desde o início da série.

Esse desempenho repete, de certa forma, o processo de melhora estrutural das condições de contratação observado no final de 2000 e início de 2001, quando o mercado de trabalho respondeu a um período mais prolongado de crescimento da economia, com a formalização das relações trabalhistas.

Com esses resultados e considerando o conjunto do setor privado, mais o governo, os trabalhadores domésticos e aqueles por conta própria, o grau de formalidade² passou de 51,1% em dezembro de 2004 para 52,4% em abril, maior nível registrado desde fevereiro de 2003 (52,8%).³

TABELA 2.2
PME/IBGE — VARIAÇÃO ABSOLUTA DA OCUPAÇÃO POR VÍNCULOS DO TRABALHO
 [em mil]

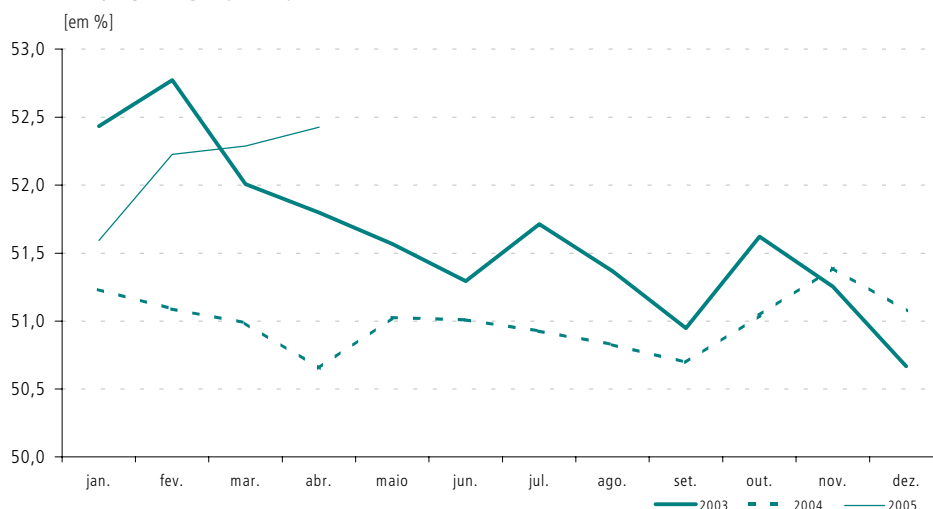
Período	Com Carteira	Sem Carteira	RJU	Conta-Própria	Total ^a
Abril/2004	-11	153	16	-63	134
2º Trim./2004	141	226	52	-155	370
3º Trim./2004	111	130	51	196	438
4º Trim./2004	144	104	2	-77	140
1º Trim./2005	126	-258	6	-84	210
Abril/2005	24	75	14	-112	21

^a Total de ocupação incluindo empregadores e trabalhadores não-remunerados.

2. Conceitua-se aqui como grau de formalidade a soma dos trabalhadores com carteira, militares e RJU (estatutários) dividido pelo total da ocupação.

3. Considerando a PME-Nova Metodologia.

GRÁFICO 2.4
PME/IBGE — GRAU DE FORMALIDADE



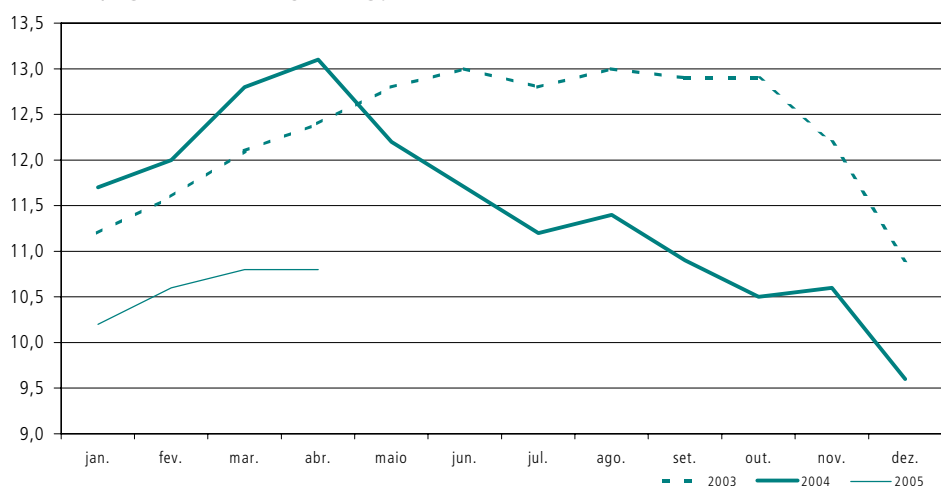
A melhoria do mercado de trabalho a partir do início de 2004 levou, desde maio passado, a menores taxas de desemprego (nas comparações anuais). Depois de ter atingido 9,6%⁴ em dezembro último, a taxa de desocupação cresceu sazonalmente no primeiro trimestre de 2005, porém em velocidade inferior à registrada no mesmo período do ano passado. Com o resultado de abril (10,8%), foi alcançada uma diminuição média de 1,8 p.p. nos primeiros quatro meses: de 12,4% em 2004, ela caiu para 10,6% em 2005.

TABELA 2.3
PME/IBGE: PIA, PEA E OCUPADOS — TAXAS DE VARIAÇÃO EM 12 MESES
[em %]

Período	PIA	PEA	Ocupados					
			Total	Empregados do Setor Público	Empregados do Setor Privado		Conta-Própria	
					Com Carteira	Sem Carteira		
2004								
Abril	1,9	3,4	2,7	-0,5	0,9	4,9	6,9	
Maio	1,9	2,4	3,1	2,3	2,0	6,3	4,0	
Junho	2,3	2,0	3,4	1,5	3,4	8,8	2,1	
Julho	2,3	2,6	4,5	5,9	2,6	9,8	3,9	
Agosto	1,9	2,0	3,9	7,7	1,7	5,1	4,4	
Setembro	2,0	1,3	3,7	2,6	3,2	4,1	3,4	
Outubro	2,0	1,5	4,3	1,0	3,7	7,3	3,9	
Novembro	2,3	1,8	3,5	0,6	4,0	3,9	2,4	
Dezembro	2,1	1,9	3,4	0,3	4,4	5,7	0,1	
2005								
Janeiro	2,4	2,4	4,1	3,7	3,9	8,1	-0,6	
Fevereiro	2,3	2,1	3,7	3,2	5,9	5,7	-3,3	
Março	2,3	1,7	3,9	5,1	6,2	5,7	-3,0	
Abril	2,3	0,7	3,3	5,0	6,4	2,2	-4,3	

4. Menor patamar já registrado na nova PME.

GRÁFICO 2.5
PME/IBGE — TAXA DE DESEMPREGO



Em abril, especialmente, a taxa de desocupação ficou 2,3 p.p. abaixo do pico histórico registrado no mesmo mês de 2004. A estabilidade desse indicador verificada em abril só foi possível, levando-se em conta o crescimento quase nulo da ocupação, pela retração na oferta de trabalho, com a taxa de participação das pessoas no mercado de trabalho recuando de 56,8%, em março, para 56,6%.

Em relação aos rendimentos reais habitualmente recebidos, esse indicador voltou a crescer em todo o primeiro trimestre de 2005, depois da interrupção havida (em outubro e dezembro de 2004) no seu processo de recomposição. Contudo, no mês de abril houve uma reversão nessa evolução positiva, registrando-se uma queda de 1,8% desse indicador ante o valor de março. Em termos de sua variação anual, as diversas formas de posição na ocupação vêm apresentando trajetórias distintas, conforme mostra a Tabela 2.4. Embora não haja elementos para uma afirmação mais fundamentada, os movimentos em sentido contrário do setor público (aumento de 4,5%) e dos empregados com carteira do setor privado (queda de 2,6%) podem ter o mesmo tipo de origem: uma mudança na composição dos respectivos contingentes, com um crescimento do peso dos trabalhadores melhor remunerados no caso do setor público, e o inverso no caso do setor privado. Em outras

GRÁFICO 2.6
PME/IBGE — RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS
[em R\$ de janeiro de 2005]

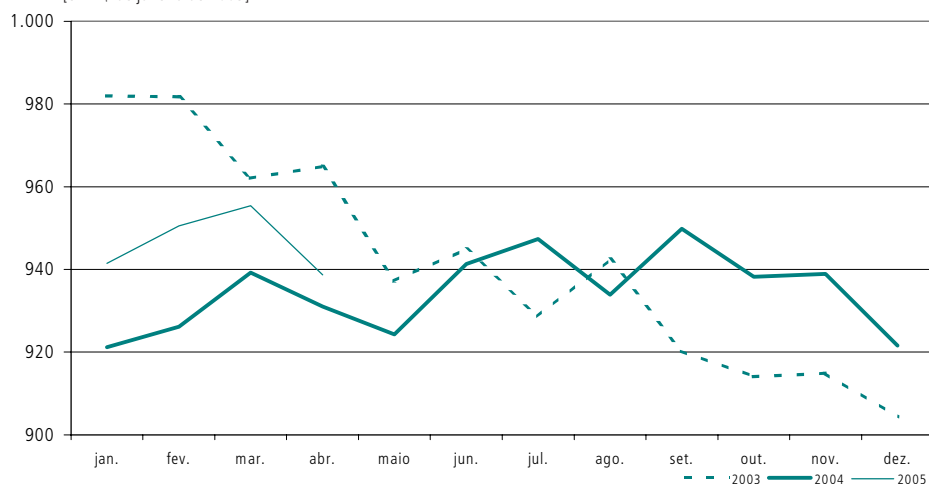


TABELA 2.4
PME/IBGE: RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO —
VARIAÇÃO EM 12 MESES
 [em %]

Meses		Total	Setor Público	Ocupados		Conta-Própria
				Setor Privado		
				Com Carteira	Sem Carteira	
2004	Abril	-3,5	-2,2	-2,9	-4,3	3,2
	Maio	-1,4	-1,8	-0,8	2,6	0,0
	Junho	-0,4	-2,9	1,1	4,0	-2,5
	Julho	2,0	-1,2	2,9	1,1	-2,3
	Agosto	-0,9	-1,8	-0,9	-2,9	-0,2
	Setembro	3,2	1,2	2,1	0,0	0,0
	Outubro	2,6	0,5	1,6	-1,5	6,4
	Novembro	2,6	0,2	0,2	4,4	3,9
	Dezembro	1,9	2,5	0,1	4,9	0,7
2005	Janeiro	2,2	4,1	-1,3	9,6	-1,1
	Fevereiro	2,6	7,1	-1,4	8,0	1,6
	Março	1,7	3,7	-0,8	6,4	-2,6
	Abril	0,8	4,5	-2,6	4,0	-2,9

palavras, as contratações recentes do setor público estariam ocorrendo nos níveis remuneratórios mais altos, enquanto o grande volume de novas vagas com carteira do setor privado estaria ocorrendo principalmente na base da pirâmide salarial.

Considerando ainda o grande crescimento do número de empregados domésticos, que também recebem abaixo do valor médio dos rendimentos do conjunto dos trabalhadores, os rendimentos médios reais habitualmente recebidos ficaram, em abril, apenas 0,8% acima do verificado no mesmo mês de 2004; assim, novas quedas poderão fazer com que, a curto prazo, esse indicador volte a mostrar variações negativas nas comparações em 12 meses, situação que não ocorre desde julho do ano passado.

Em relação à massa salarial real efetivamente recebida,⁵ há sinais mais claros de desaceleração de seu crescimento quando se comparam os primeiros meses de 2005 com os de 2004. Depois de atingir um crescimento máximo de 7,5% em dezembro último (em comparação com dezembro de 2004), em março,⁶ na terceira desaceleração consecutiva, esse valor caiu para 5,3%.

Diante desse panorama do mercado de trabalho, embora seja cedo para se fazer uma avaliação mais definitiva, pode-se dizer que, se ao longo do primeiro trimestre ele não havia ainda sentido os impactos da desaceleração econômica apontada por alguns indicadores de

5. A massa salarial real é calculada multiplicando-se o número total de ocupados pelo valor dos rendimentos médios reais efetivamente recebidos.

6. Últimos dados disponíveis para esse indicador.

expectativas e do nível de atividades, o mês de abril pode ser caracterizado, no mínimo, como um momento de interrupção do dinamismo até então observado.

Nesse sentido, talvez não sejam apenas a taxa de crescimento dos rendimentos médios reais e a trajetória do grau de formalização do mercado de trabalho as questões a serem respondidas pela evolução dos acontecimentos, como eram as expectativas no início do ano. Talvez a evolução da ocupação e a da própria taxa de desemprego voltem a demandar as maiores preocupações.

